



A mulher de África no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*

The African woman in Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro

ANA PATRÍCIA PEIXINHO VICENTE SANTOS

CLEPUL/Universidade de Lisboa



Resumo: O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* é um conjunto de vários volumes de livros, que contém em si diversos textos de autores e senhoras, desde 1851 a 1932. Este artigo incide na presença feminina em África, mais concretamente a visão e as opiniões que estas têm acerca do mundo envolvente.

Palavras-chave: *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*; Mulher; África

Abstract: The *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* is a set of several volumes of books that gather innumerable texts of authors and *senhoras* from 1851 until 1932. This article focuses mainly on the female presence in Africa, specifically their views and observations of the surrounding world.

Keywords: *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*; Woman; Africa

O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*¹ é, como se diz na gíria popular, um poço de sabedoria e de dedicação de entusiastas figuras femininas que, ao longo dos tempos, foram lutando contra um mundo totalmente dominado pelos homens, algo que também acontecia ao nível da actividade intelectual, e mais especificamente da escrita. É uma escrita que como se pode constatar, descreve o real, instrui e é, ao mesmo tempo, uma literatura lúdica, sempre em consonância com a instrução dos seus leitores. Houve, desta forma, uma invasão do território que em princípio era masculino, e que a pouco e pouco foi sendo tocado pela mulher. Nos índices de colaboradores do *Almanaque* vê-se claramente a diferença que se fazia entre escritores do sexo masculino e feminino, pois apenas os homens são considerados “autores”, enquanto as mulheres são referidas simplesmente como “senhoras”.

Para um melhor conhecimento das escritoras cujos nomes são referidos, tentou-se obter mais dados a seu respeito, mas a informação sobre elas é praticamente nula, daí a dúvida que surge em relação às suas origens, dúvidas essas que se tentarão desmistificar com o prosseguir da investigação.

Neste conjunto de produções do *ALLB*, o meu trabalho consiste em investigar concretamente a pre-

sença de mulheres relacionadas de alguma maneira com o território africano que, não se pode saber se nele nasceram ou simplesmente nele residem. Ainda em curso, o levantamento realizado já permite indicar muitos dos locais onde estas senhoras terão escrito, entre os quais pode-se referir: Benguela, Luanda (Angola); Lourenço Marques (Moçambique); Bolama (Guiné-Bissau); São Vicente, Cidade da Praia, Ilha do Maio, (Cabo Verde); Ilha do Príncipe (S. Tomé e Príncipe); Cidade do Cabo (África do Sul).

Embora o *ALLB* comece a ser publicado para o ano de 1851, a presença da primeira senhora com ligação explícita a África ocorre dez anos depois, no ano de 1861. Trata-se de Leonor de Sousa e Almeida, que aí comparece com dois textos em prosa, ambos de assunto africano.

O texto em prosa intitulado *Justiça pelas próprias mãos* tem a intervenção da própria senhora, é ela quem narra esta história. Este texto crítico através do humor consegue dar uma lição de moral, consegue ensinar qualquer coisa:

Justiça pelas próprias mãos. – Pedro Cotta, natural de Minas Geraes, provincia do Imperio do Brasil, viveu largo tempo aqui em Benguela, e commerciaua para o sertão, onde quasi sempre ia como feirante. Voltando uma vez d’alli e reinando então n’esta cidade alguns abusos em certos funcionarios, resolveu Cotta dar-lhes uma lição. Que faz? finge-se morto, e ordena a

¹ Denominado assim a partir do ano de 1874. No texto ocorrerá a sigla *ALLB*.

os escravos que chorem com altos alaridos; ora, como elle não tivesse aqui herdeiros, ou parentes, acudiram immediatamente os membros da *Delegação da Junta da Fazenda Publica*, afim de arrecadarem os bens do defunto: sem se embaraçarem com o cadaver, a primeira cousa que fazem é empalmar quanto achão – um relógio de algebeira, umas peças de ouro que o morto havia d’antemão posto em cima d’uma mesa, etc. etc. – Ia tudo correndo ás mil maravilhas; vai senão quando, apparece o bom do Cotta com um formidável chicote, e principia a zurzir tudo á direita e á esquerda; procurão safar-se os heróes, mas a porta fôra mandada fechar á chave, e tiverão de galgar pelas janellas: o que lhes valeu foi ser a casa térrea. O bom do Cotta não desiste porém da sua empreza; abre a porta, sahe e corre sobre elles, acompanhando-os sempre a chicote, e não tiverão remedio os infelizes senão refugiar-se no palacio do governo a pedir soccorro. O governador chega á janella e denuncia-lhe Cotta os ladrões em cujos bolsos se achavão ainda os objectos roubados, que tiverão de restituir, dando-se por muito felizes em não irem d’alli para a cadeia.

D. Leonor de Sousa e Almeida (Benguella).

Enquanto o primeiro texto é de cariz humorístico e lúdico, o segundo não passa de uma mera descrição de um fruto. Qual teria sido a razão que levou esta senhora a escrever um texto descritivo de um fruto? A forma como é apresentado parece ser retirada de um dicionário, não sendo mais que uma simples curiosidade de *Almanaque*. O ela ter pegado no fruto *Ónonmêqué* pode dever-se ao simples facto de este se assemelhar a outros que ela conhece. A sua forma de ameixa, a sua cor amarelada, lembra-a muito o *cajá* (fruto brasileiro) e, é deste fruto que os pretos mondobes extraem o óleo semelhante ao do amendoim e com o qual untam a cabeça e o corpo.

O levantamento completo de todas as senhoras que aparecem vinculadas a localidades situadas na África, as quais têm os seus textos editados entre 1861 e 1930 aponta para um total de vinte e quatro nomes e pseudónimos. A grande maioria utiliza o seu próprio nome, como é o caso da primeira colaboradora de África, acima referida. Outros exemplos são: Ida Loff da Fonseca, Joana da Conceição, Bernardina Neves...

Há, todavia textos assinados apenas com as iniciais dos nomes da sua autora, como por exemplo: T. L. R. e outros cujas autoras se escondem atrás de pseudónimos. São três os pseudónimos que se podem encontrar – Uma Africana, Humilde Camponesa e Uma Desconhecida.

No elenco de senhoras ligadas à África, a que soma maior número de textos oculta a sua identidade sob o pseudónimo Uma Africana. Com ele estão assinados sete textos em prosa e quatro poemas; seguem-se-lhe a Humilde Camponesa, com cinco textos poéticos e um

em prosa; a senhora Leonor de Sousa e Almeida com quatro textos em prosa e um em poesia; Aurélia Teles com dois textos em prosa e quatro poemas e Maria Cristina Rocha com apenas cinco poemas. A produção das demais senhoras é muito reduzida, com apenas um ou dois textos publicados.

Os textos de autoria feminina provenientes de África publicados no *ALLB* não são, portanto, muito numerosos, tendo o conjunto de textos em prosa dimensões muito próximas do da poesia: em prosa encontram-se vinte e quatro textos, em verso trinta. Quanto aos anos de produção, é de sublinhar que não existe disparidade temporal significativa. As senhoras de África produzem e publicam praticamente todos os anos, notando-se apenas um ou dois anos de interregno.

Os escritos das mulheres de África, na sua grande maioria, abordam assuntos afins em que se descrevem, pormenorizadamente, regiões, povos, superstições, animais, produtos agrícolas. São, pois, textos sempre muito virados para a própria África, para as suas gentes e os seus problemas, explicando as autoras o que são “patricios”, isto é, pessoas oriundas do mesmo espaço.

Os textos que se apresentam a seguir tratam de assuntos como a descrição de um animal (1862), superstições (1863) e o que é ser “*Patricio*”; nas quais a autora manifesta a sua própria marca – o sentido de humor ou a empatia por actos nobres dos seus semelhantes:

Marinheiro do chão, ou Many-ussão – Dá-se este nome a uma cobra da grossura do dedo polegar e do comprimento de dous palmos, com listas amarellas e encarnadas, que encantão. Como não tem a faculdade que têm outras cobras, de poder subir a quaiquer arvore, anda pelo chão, e por isto a denominação de semelhante modo. É tradição que em chegando a morder em alguém, não o larga sem que primeiro ouça o toque de sino!... Se isto é assim, o que duvido, permita Deus, que tal caso se não dê em quanto eu andar por cá, pois gostando das lindas cores que ostenta, não posso gostar da sua habilidade.

D. Maria Félix da Silva Pontes (Ilha do Príncipe).

Superstições populares. – Ha-as n’esta ilha do Principe, como em toda a parte, e ahi vai uma amostra das que agora me lembrão.

Dormir ao pé d’um oratorio. Não é bom, porque os defuntos fazem oração em cima da gente.

Vasar agua fóra, de noute, por uma porta ou janella. Não se póde fazer sem primeiro pedir licença aos defuntos de um e outro sexo.

A agua que se encontra n’uma cova depois da chuva póde beber-se porque Nossa Senhora está varrendo o fundo.

D. Maria Félix da Silva Pontes (Ilha do Príncipe).

A fome na Ilha Brava. – Ouvir contar a europeus os actos que ennobrece meus patricios – é a minha maior alegria. [...] Constou a um filho da Brava, que reside em S. Nicolau, o estado em que se encontravam os seus patricios. Levado por um nobre impulso, chegou ao porto da Furna com um navio seu, carregado de generos de primeira necessidade, como feijão, milho etc.

Africana (Ilha Brava).

Interessante é também o único texto deste conjunto que faz referência a Vasco da Gama, primeiro navegador português a costear todo o continente africano, chegando até à Índia. (1908, *Sangue-Frio de D. Vasco da Gama*, Valba, África Ocidental).

A poesia, por sua vez, está ou ligada à natureza, sendo esta em geral a natureza africana, à qual se atribui contudo uma dimensão económica e social, ou ligada à religião por uma admiração da obra criada por Deus. No poema *Deus* de D. Emília Mártires Aguiar há uma exaltação da natureza, que nada tem de social ou económico, é puro lirismo o que esta senhora escreve.

Deus

Este ar vivificante,
Susurrante,
Que entre as folhas vem morrer,
Esta noite socegada,
Perfumada,
De flores a recender,

Estas aves innocentes,
Tão contentes,
Junto ao ninho a esvoaçar,
Essas ondas buliçosas,
Rumorosas,
No seu contínuo lutar,

Esta bella natureza,
E a pureza
Das mil estrellas dos ceos,
Mar, das aves a ternura,
A espessura,
Tudo aqui falla de Deus!

D. Emília dos Mártires Aguiar (Ilha do Maio).

Há, por outro lado, composições poéticas em memória de várias pessoas ilustres ou não, e poemas laudatórios, tendo no ano de 1889 um dos exemplos:

Uma flôr

(Dedicada á interessante filhinha do ex.mo sr. Alberto Nazaliny d’Azevedo)

No meu jardim eu quizera
colher uma linda flôr,
mas vi-as todas mirradas
coitadas, já sem valor

Não foi pequeno o desgosto
que senti no coração,
ao vêr as minhas florinhas
todas pendidas no chão.

Só colhi uma saudade,
entre as poucas que lá vi,
uma saudade perpetua
que destinei para ti.
Uma saudade bem fresca
colhida n’este momento;
as que havia mais formosas
Desfolhou-mas riço vento.

Acceita, pois, anjo lindo
este mimo que te dou,
é uma flor sem cultura
que a sorte me reservou.

D. Aurélia Telles (Ilha de S. Tiago – Cabo Verde).

Encontram-se por fim poemas em que se manifestam um outro tipo de sentimentos, poemas tristes e soturnos, onde predominam a infelicidade, os remorsos, a escuridão da vida das autoras e das pessoas próximas, que de certa forma influenciaram as suas vidas. Tem-se como exemplo o poema de uma Dona ***, de S. Vicente – Cabo Verde, que no ano de 1892 escreve sobre o casamento, mostrando que para além de ser um negócio, é a única maneira de as mulheres conquistarem a “liberdade total”. Embora pareça que a mulher casando adquire a “liberdade total”, tudo isso não passa de engano. Que liberdade é essa afinal? O preço da liberdade é entregar-se ao casamento sem amor, mergulhando numa tristeza profunda, onde passa a ser, uma vez mais, prisioneira do infortúnio, da dor, do desengano.

O casamento

O casamento è o negocio capital da mulher. Porque? Porque ella unindo-se a um marido, pelo acaso, pelo calculo, ou pela loucura dos sentidos, faz a conquista plena e inteira da sua liberdade.

Glosa

Em descobrir os arcanos
D’amor n’uma alma adorada,
Eu a vi crescer, descuidada
A eterna flôr dos meus annos.
De bem tristes desenganos
Provei porém a crueza;
Deu-me em sorte a natureza
Desde então sómente a dôr,
E o meu viver sem amor,
Murchou nas mãos da tristeza.

Dona *** (S. Vicente – Cabo Verde).

Note-se, por outro lado, que há uma predominância do coloquial sobre o erudito. Os únicos vocábulos que podem

suscitar alguma incerteza quanto ao seu significado são os oriundos de línguas locais, como o crioulo, mas mesmo estes são objecto de explicação de forma simplificada, tendo o exemplo do texto em prosa que descreve o fruto *Ónonmêqué*.

É de concluir que as escritoras de África que publicaram no *ALLB*. conseguem de forma exímia transpor para o papel todo o imaginário de situações que para muitos era desconhecido e que a escrita foi o meio de que se valeram para conseguirem expressar pensamentos, medos, sucessos e fracassos.

Gostaria ainda de salientar um aspecto que me parece de alguma importância. A leitura dos cinquenta e quatro textos destas senhoras permite concluir que havia uma intensa circulação entre a Metrópole e as suas colónias africanas, posto que algumas delas surgem ora num ora noutro desses espaços. Há inclusive um texto em prosa do ano de 1898, da Humilde Camponesa, que mostra esta circulação de pessoas e ideias.

A minha última visita a J. de Deus

(Ao distinctíssimo medico e exímio poeta dr. Alves Crespo)

Acompanhada obsequiosamente da Ericeira para Lisboa, em 4 de junho de 1896, por duas das minhas mais intimas amigas, D. Guiomar e D. Rosa de Carvalho Miranda, que desejavam imenso conhecer o grande lyrico, fui no dia seguinte, vespere da minha

partida para Cabo Verde, admirar pela ultima vez às qualidades psychicas d'aquelle homem sublime.

[...]

Depois dos cumprimentos reciprocamente affectuosos, elle sentou-se a meu lado, e falei-lhe assim: “Lembra-se, doutor, da pergunta que me fez em 1888, quando me leccionava o seu methodo, sobre se eu desejava fazer vida do magisterio, e que lhe respondi negativamente, porque não teria paciencia para isso, propondo-me tão sómente a ensinar a ler a meus sobrinhos?”

“Lembro me muito bem, respondeu o poeta.” Pois venho hoje, não só visita-lo, o que ha mais tempo teria feito gostosamente, se a operação que me trouxe agora a Portugal [...] como tambem dizer-lhe que o seu methodo teve a habilidade de me tornar paciente, desenvolvendo-me o gosto para o magisterio...

Humilde Camponesa (Cabo Verde).

Para terminar a elaboração deste trabalho, ainda em curso, fez-se uma selecção de todos os locais em que estas senhoras escreveram, as cidade mais importantes dessas épocas: Benguela (oeste de Angola); Ilha do Príncipe (S. Tomé e Príncipe); Ilha do Maio (Cabo Verde); Ibo (Moçambique); Bolama (Guiné-Bissau); Cidade do Cabo (África do Sul). Os textos citados estão localizados quase sempre nas mesmas zonas, permitindo uma visualização dos lugares, essencialmente junto à costa – onde se encontra a maior produção literária.



Mapa do Continente Africano
Fonte: Autora.

Recebido: 10 de abril de 2011
Aprovado: 15 de junho de 2011
Contato: ana_paty_@hotmail.com